

P H I L I P

emanuel

1

dimas

9

de

G L A S S

melo

9

pimenta

5

publicado em

RISK Arte Oggi

Milão, Itália, 1995

Philip Glass

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: PHILIP GLASS

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 1995

Philip Glass

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

É sempre complicado, em certo sentido, um compositor escrever sobre outro compositor seu contemporâneo.

Por esse motivo, quase recusei ceder ao convite para redigir esta reflexão sobre Philip Glass.

Mas, após alguma reflexão, considerei que o fazer significaria uma certa afronta à divisão especializada, literária e típica do século XIX segundo a qual cada departamento estaria eterna e fatalmente confinado a um único e exclusivo compartimento.

Um preconceito que parece estender as suas profundas teias até ao final do século XX!

Não apenas, talvez pudesse existir no futuro um diálogo directo e aberto entre compositores, arquitectos, outros artistas, escritores, produtores e todos aqueles envolvidos com a geração de alguma forma de arte.

Um diálogo que escapasse aos restritos bastidores da intimidade.

Um diálogo público, uma verdadeira *arché* de *hómoioi*.

Estive com Philip Glass somente uma vez, num jantar em Nova York, alguns anos atrás. As impressões pessoais que tive foram, por esse motivo, todas primeiras.

Outro dia, entretanto, referindo-me a Jean-Pierre Giovanelli, eu lembrava que – ao contrário do que acontecia tempos atrás, quando a *norma* era isolar o criador da sua obra – hoje é praticamente impossível conhecer as mais secretas entranhas de uma obra se não tivermos em conta a *persona* de quem a fez.

E por *persona* significo isso mesmo: a máscara Etrusca utilizada no teatro da Antiguidade Clássica, cuja principal função era delinear o personagem através da amplificação da voz.

Philip Glass nasceu em 1937. Então, para quem interessar, Glass é do signo *boi* segundo o horóscopo Chinês.

Seguindo essa antiga tradição Oriental, Philip Glass revelaria a sua prosperidade através da paciência e do trabalho árduo. Pessoa calma e metódica. Boa parte das vezes bom ouvinte e imparcial, mas seria quase impossível fazê-lo mudar de opinião, pois tratar-se-ia, a princípio de um obstinado cheio de preconceitos.

Continuando o nosso oráculo Chinês, seria ele pessoa firme e leal, de mente lógica e decidida. Mas, a sua inteligência e habilidade estariam ocultas atrás de uma fachada reservada e pouco expansiva. Pessoa sistemática. Alguém

que pode ser terrivelmente ingénuo no que diz respeito aos amores e às paixões. Pessoa que gosta de padrões fixos e que tem profundo respeito pela tradição. Alguém que tende a fazer – contínua o oráculo – exactamente aquilo que se espera que faça. Tão previsível que poderá ser injustamente criticado por falta de imaginação. Aí, o milenar oráculo continua implacável: o ponderado *boi* sabe que somente fazendo as coisas na ordem correcta poderá esperar a conquista de um sucesso permanente!

Sucesso!

Eis uma palavra-chave.

Há cerca de dez ou quinze anos atrás escrevi um outro texto sobre a obra de Philip Glass. Nele, eu dizia que a sua música era um interessante *espaguete*, uma verdadeira *pasta*!

Entretanto, fui logo explicando, principalmente para os críticos mais afoitos, que não se tratava de um ataque, mas sim de um sonoro elogio.

Elogio não porque parte da minha família é de origem Italiana, mas porque a *pasta* é uma das mais subtis especialidades da culinária planetária – embora muita gente não a perceba assim.

Apreciamos a pasta *al dente*, mas o seu sabor é algo como *emparedado* por todos os outros que o cercam. Mesmo quando há aparentemente só tomate, ou *alho e óleo*.

O sabor da pasta é reservada a uns poucos verdadeiros apreciadores. O seu segredo se esconde subtilmente, como a sibilação de sons num dizer sem pensar.

Não apenas, o seu sabor é fabricado em larga escala, isto é, produzido em grandes quantidades.

A pasta é um dos primeiros pratos artificiais para uma cultura de massa, vindo logo depois do pão.

Quando lançou o seu primeiro e maior sucesso, *Einstein on the Beach*, Glass defendia – em 1976 – que o que fazia nada mais era que *empacotar* sons.

Então, não se considerava músico, no sentido tradicional do termo. Era, antes, um artista gráfico especialista em embalagens para sons.

Uma herança directa do *pop* americano, principalmente de Andy Warhol e, de certa maneira, ainda que mais distante, também de Marcel Duchamp.

Pode-se, certamente, considerar Philip Glass o primeiro músico realmente *pop* dos Estados Unidos. Apenas depois, num segundo momento, ele é *minimal*.

No começo da carreira, Philip Glass dizia por todos os cantos que John Cage era o seu fã número um. Era uma promoção importante e só quem batalha realmente uma carreira pode avaliar como é importante um apoio, alguém que *dê a cara* por nós, principalmente quando se está envolvido com arte ou cultura e vivendo num mundo com uma taxa de alienação progressivamente comparável à da explosão demográfica.

Aquela promoção era verdadeira. Perguntei ao John e ele disse que realmente adorava Philip Glass, adorava a sua música. Conversámos muito sobre Philip. Na época da nossa conversa mais demorada, conversamos longamente acerca da ópera *Satyagraha*, de 1979, sobre Gandhi.

Philip Glass parece ter sempre ajudado, desinteressadamente, os seus pares. «Boa pessoa», dizia John. «Não só», continuava, «excelente compositor».

Para John Cage, Philip Glass tinha algo de incomum com os outros compositores classificados como *minimalistas*. «Philip tem algo de misterioso, de surpresa. Quando o ouvimos, nunca se sabe, nas suas subtilidades, o que encontraremos a seguir», dizia John.

Certa vez, nos anos 1950, Décio Pignatari – outro querido amigo – descia com John Cage as ruas de Paris, em Montmartre, à procura do pintor Chileno Roberto da Matta. A certa altura, mesmo porque John não tinha qualquer pista para o encontrar, nem mesmo a indicação da rua onde vivia, passou a gritar o nome do pintor. Da Matta! Da Matta! Para a vergonha de Décio, ainda jovem.

Poucos minutos depois, Roberto da Matta surgiu numa das janelas.

Naquele dia, Décio perguntou ao John qual seria o futuro da arte, ao que John respondeu num rompante: o *surrealismo*!

Penso que Décio Pignatari nunca chegou a compreender a previsão de John. Mas, o *surrealismo*?! perguntou atónito. «Você vai entender quando for mais velho e perceber a natureza do sonho», disse John.

A natureza do sonho?!

Philip Glass é essa mistura de cultura de massa e espectáculo em embalagens de som que funcionam como espécies de delírios.

Ninguém consegue se deliciar com uma boa pasta quando tudo implica uma constante novidade. A sua escala de quantidade está sempre associada à da permanência.

Mas, os sonhos são, em grande medida, *repetição*!

Com oito anos de idade entrou para o conservatório musical na sua cidade natal, Baltimore, Estados Unidos.

Com quinze anos foi para a universidade de Chicago. Com vinte esteve em Julliard School onde permaneceria até aos vinte e quatro. Depois, tornou-se compositor residente em Pittsburg. Escrevia música *serial* naquela época.

Com vinte e sete anos de idade ganhou uma bolsa Fullbright para estudar em Paris com a grande mestra Nadia Boulanger. Com Nadia «voltei a ser uma criança», dizia Philip Glass, «reaprendi a ouvir os sons».

Em Paris trabalhou com Ravi Shankar para a música de um filme e se tornou num quase discípulo do genial e inesquecível tablista Alla Rakha.

Mas, com trinta anos de idade, voltou para os Estados Unidos e foi para Nova York onde Alla Rakha e Ravi Shankar permaneceriam por todo o ano de 1967.

Nessa época, fins dos anos 1960, Philip trabalhava com algo que era vulgarmente conhecido como *música hipnótica* – directamente relacionada com LaMonte Young, Terry Riley e Phill Niblock.

O uso do ácido lisérgico, ou LSD, era defendido abertamente. Na música popular nascia o *rock-theatre* e aquilo que desencadearia o *rock* progressivo. Ravi Shankar se transformara gloriosamente no *guru* de boa parte do Ocidente. Andy Warhol era elevado à condição de mito *pop*.

Philip Glass era muito pobre e logo montou um grupo onde também participava um rapaz chamado Steve Reich.

Todas essas coisas foram se sucedendo num ritmo alucinante.

Asua música é um pedaço da cultura ocidental, principalmente Americana, dos anos 1960. E o que o torna ainda mais original é a sua persistência.

O seu trabalho parece ser o de uma vida inteira.

Tanto faz ouvir as suas obras em 1976 ou em 1996, será praticamente a mesma coisa!

Como se ouvisse na alma James Joyce, na sublimação do Ocidente, Glass atinge o Oriente.

Torna-se, para ele, desnecessário mudar. Cada nova peça se revela como a destilação de um único e gigantesco trabalho.

O primeiro verdadeiro sucesso de Philip Glass só aconteceria em 1976, quando tinha já trinta e nove anos de idade. Ele trabalhava como motorista de táxi naquela época. «Einstein on the Beach não mudou dramaticamente a minha vida», conta ele, «continuei fazendo minha vida como motorista de táxi».

Certa vez, uma mulher bem vestida entrou no seu táxi e exclamou: «rapaz, você sabia que tem o mesmo nome que um compositor famoso?».

Ao contrário do que muita gente pensa, Philip continuou pobre por vários anos. Isso não é, lamentavelmente, coisa rara. Conheço alguns músicos excelentes, hoje em dia, em idêntica situação sem que ninguém lhes dê qualquer apoio.

Oriente e Ocidente.

Onde estará Philip Glass?

Andy Warhol e Ravi Shankar.

Oriental *pop*.

Na Índia, mil anos atrás, o poeta Devara Dasimayya escrevia: «O fogo pode queimar, mas não pode mover. O vento pode mover, mas não pode queimar. Até o fogo se juntar ao vento, ele não pode dar um passo. Saberão as pessoas que isto é idêntico a conhecer e fazer?».

No ano 2000, Philip Glass completará sessenta e três anos de idade. Desde os anos 1970 ele não pára de produzir, de fazer. São imperturbáveis e imparáveis óperas, cantos, música para filmes, teatros, danças.

2000 será o ano do Dragão.

Novamente segundo o oráculo chinês haverão, então, mudanças e perturbações inesperadas para pessoas do signo *boi*.

«Naturalmente», completa Philip, «então estaremos no século vinte e um, e será uma nova história».